

**CAMPO, CIDADE E REGIÃO:  
TRAJETÓRIAS DE VIDA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS ORAIS  
DE TRABALHADORES DE TOLEDO-PR (1970-2010).**

Jiani Fernando Langaro<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa os processos de deslocamento de trabalhadores rurais do oeste do Paraná para a área urbana de Toledo a partir da década de 1970, período em que se verificou uma aceleração na expansão da área urbana e no crescimento populacional local (ainda em curso no presente). Com base em duas narrativas orais, produzidas com trabalhadores residentes na cidade e analisadas a partir da metodologia de trabalho com fontes orais e memórias, problematiza-se as diferentes formas com que se vivenciou a passagem do campo para a cidade, buscando-se desvendar a complexidade que permeia tais processos. Também se pretende discutir as relações entre campo, cidade e região que emergem de memórias e relatos dos narradores, categorias estas que servem de referenciais para suas vidas, as quais são entendidas não como esferas separadas, mas como dimensões de uma só realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oeste do Paraná; Modernização da Agricultura; História Oral.

*COUNTRYSIDE, CITY AND REGION  
LIFE PATH, MEMORIES AND ORAL NARRATIVES FROM  
TOLEDO-PR WORKERS (1970 – 2010)*

**ABSTRACT:** This article analyses the rural workers displacement process, from Western Parana to the urban area of Toledo, since the 70s; period in which it was verified an acceleration on the expansion of the city and on the local population growth (still ongoing now). Based on two narratives from workers that live in the city, and analyzed by research methodology with oral History and memories, it's questioned how differently the move from the countryside to the city was experienced, trying to reveal the complexity that guides such process. It is also expected to discuss the relation between countryside, city and region, that comes out from memories and narrated reports. Such categories are used as life reference, and they are understood not as different issues, but as dimensions of a unique reality.

**KEYWORDS:** Western Parana; Agricultural Modernization; Oral History.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon. Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em História Social pela PUC-SP. Professor Adjunto do curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD.

## INTRODUÇÃO

Ao se tratar da história recente do Brasil, entre as décadas de 1970 e 2010, é impossível deixar de pontuar as transformações pelas quais as regiões rurais do país passaram. Neste trabalho, tomamos as narrativas orais de trabalhadores da cidade de Toledo,<sup>2</sup> no oeste paranaense, como ponto de partida para refletirmos sobre essas mudanças, procurando entendê-las através da ótica de quem as vivenciou.

Vale ressaltar que nesse local a mecanização da produção agrícola,<sup>3</sup> acompanhada pelo êxodo rural,<sup>4</sup> se constitui em um grande marco histórico, organizador do tempo em diversas narrativas memorialísticas e historiográficas. Em algumas delas, tal processo é tratado como desestabilizador da sociedade local, sendo considerado que uma multidão de moradores deixou o campo rumo à zona urbana e, sem emprego, ali formou “bolsões de pobreza”, ameaçando a cidade “eficiente” e “planejada”,<sup>5</sup> construída em décadas anteriores.

Ao longo da pesquisa percebemos que, desde fins da década de 1960, se empreendeu projetos de urbanização em Toledo, procurando assemelhá-la a outros centros urbanos do sul do país. Assim, pavimentava-se as ruas da cidade, construía-se infraestrutura de saneamento, ampliava-se a de telecomunicações e incorporava-se a rede de energia elétrica, até então pertencente à municipalidade, ao sistema de distribuição da COPEL (Companhia Paranaense de Energia Elétrica), empresa estatal considerada excelência na área. Também fez parte desses projetos a urbanização da Vila Brasil, bairro operário de Toledo, que surgiu e cresceu sem planejamento e que constituía uma ranhura no esboço de cidade racional e moderna que se delineava.

Em meio a esse processo de transformação do espaço urbano de Toledo, populações do campo – mas também de outros lugares do oeste do Paraná e de outras regiões – afluíram para a urbe. A presença dessas pessoas na cidade, com a formação de novos bairros periféricos, conferia visibilidade à pobreza – visibilidade, e não existência, porque ela já estava presente no município desde o princípio de sua fundação –, represen-

<sup>2</sup> Toledo é um dos municípios que compõem a região oeste do Paraná, possuindo uma população estimada em 128.448 habitantes (dados de 2013). É a terceira maior cidade da região, sendo também polo industrial, com destaque para as áreas agroindustrial e alimentícia. Sobre os dados estatísticos, ver: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Toledo. Paraná. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412770>>. Acesso em 16 dez. 2013.

<sup>3</sup> Por mecanização da produção agrícola entende-se o processo pelo qual se adotou máquinas e implementos agrícolas nas lides do campo, além do emprego de adubos, agrotóxicos e insumos químicos na agricultura, a partir da década de 1970, no oeste do Paraná. Alguns autores, como Carlos Humberto Carnasciali (e outros) diferenciam “mecanização agrícola” de “modernização agrícola”, entendendo o primeiro conceito apenas como a adoção de máquinas na produção rural, enquanto o segundo termo representaria o processo de transformação tecnológica da produção agrícola de forma mais ampla. Nas fontes consultadas, porém, os dois conceitos são utilizados para definir o processo como um todo. A esse respeito ver: CARNASCIALI, Carlos Humberto e outros. Consequências sociais das transformações tecnológicas na agricultura do Paraná. In: MARTINE, George; GARCIA, Rinaldo Coutinho. Os impactos sociais da modernização agrícola. São Paulo: Caetés, 1987. pp. 125-165. Neste trabalho, optou-se por manter o termo “mecanização agrícola”, conforme consta na bibliografia consultada e nos materiais pesquisados: SILVA, Oscar; BRAGAGNOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. Toledo e sua história. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.

<sup>4</sup> Com a adoção de novas tecnologias no campo, áreas maiores puderam ser cultivadas com o emprego de um número menor de trabalhadores. Por outro lado, nas propriedades muito diminutas não era viável efetuar a “modernização” da produção. Assim, mesmo existindo muitas propriedades agrícolas pequenas e médias na região, o resultado desse processo foi um volume muito grande de trabalhadores do campo que, sem emprego rural regular, terras para cultivar (através de arrendamento/parceria agrícola), ou por terem se desfeito de suas pequenas propriedades, deixavam a zona rural do oeste paranaense. Toledo, como outras cidades da região, foi um dos destinos dessas populações que, desempregadas, muitas vezes sobreviviam apenas do trabalho sazonal no campo, atuando como “boias-frias”. Tal movimento foi observado entre as décadas de 1970 e 1980 como sinal de crise e desestabilização local. A esse respeito ver: *Ibidem*.

<sup>5</sup> Localmente, é apregoado que Toledo é uma cidade planejada, construída dentro de um projeto “racional” de “colonização”, efetuado entre as décadas de 1940 e 1950. A esse respeito ver: *Ibidem*.

tando uma ameaça ao projeto de cidade que se tentava colocar em prática, razão pela qual tal movimento foi lido, tanto pela imprensa quanto por obras memorialísticas, como causador de instabilidade.

Diante desse quadro, propomos a problemática de refletir sobre como os trabalhadores que passaram pela *experiência*<sup>6</sup> de deixar o campo, rumo à cidade, vivenciaram esse processo e como se lembram dele e o narram no presente. Colocamo-nos como questões a serem respondidas: qual foi a relação dessas pessoas com as mudanças experimentadas em suas maneiras de viver e trabalhar? Todas observaram a saída do campo como um movimento de expulsão? Como se deu sua inserção na área urbana de Toledo? Ela foi permeada por tensão? Foi de fato vivida como ruptura com o meio rural? As narrativas orais produzidas com esses sujeitos poderiam nos relevar uma possível complexidade desse processo?

Tal intento se conecta aos objetivos da pesquisa mais ampla que realizamos, a qual procura dar visibilidade e refletir sobre as *muitas memórias*<sup>7</sup> que pontuam o município de Toledo, tendo por foco a expansão urbana local, ocorrida entre fins da década de 1960 e 2010.

Assim, buscamos entender a cidade a partir da *experiência social* de seus moradores e das relações que estes estabelecem com o espaço urbano. Como destaca Déa Ribeiro Fenelon:

(...) Buscamos propor investigações sobre as questões da cidade e da cultura urbana. Se compreendemos a cidade como o lugar onde as transformações instituem-se ao longo do tempo histórico com características marcantes, queremos lidar com estas problemáticas como a história de constantes diálogos entre os vários segmentos sociais, para fazer surgir das múltiplas contradições estabelecidas no urbano, tanto o cotidiano, a experiência social, como uma luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças. Com isto, reafirmamos a idéia de que a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação e do poder.<sup>8</sup>

Mais do que efetuar uma denúncia dos processos de exclusão e dominação que ocorrem na cidade, a proposta da autora é pensar sobre como as pessoas se relacionam, em seu cotidiano, com tais processos e com o próprio viver urbano. Nessa direção, não estudaremos campo e cidade como dimensões estanques, mas como produtos da cultura – entendida como processo gerador de *modos de vida*<sup>9</sup> – dos trabalhadores. Dessa maneira, a mudança do campo para a cidade não necessariamente se constitui em uma ruptura nas maneiras de viver dessas pessoas, dependendo das formas como elas lidaram com tais transformações verificadas em suas vidas.

<sup>6</sup> THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981. p. 182.

<sup>7</sup> FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução: Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 5.

<sup>8</sup> FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). Cidades. São Paulo: Olho d'água, 2000. p. 7.

<sup>9</sup> WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979. p. 25.

Também procuramos entender as relações dos trabalhadores de Toledo com a região, pois na pesquisa que realizamos percebemos que campo, cidade e região eram espaços articulados – e não separados – na experiência das pessoas que ouvimos. De maneira semelhante às cidades, buscamos estudar a região como produto de relações humanas e como algo historicamente construído, de acordo com o que afirma o geógrafo francês Marcel Roncayolo.<sup>10</sup> De maneira geral, buscamos o *espaço praticado* de que trata Michel de Certeau,<sup>11</sup> aquele que não existe por si, mas é construído nas relações humanas com o ambiente físico.

Posto que nossa proposta se centre nas formas como as pessoas vivenciaram as mudanças do campo para a cidade e como constituíram suas relações com a região, o recurso às narrativas orais é imprescindível, uma vez que tal metodologia nos permite estabelecer um diálogo direto com os sujeitos do processo histórico estudado. Por conseguinte, trabalhar com fontes orais nos requer problematizar as relações entre história e memória. Como sabemos, as recordações pessoais não são registros objetivos de tempos pretéritos, mas sim algo em constante construção, permeado pela experiência pessoal do narrador e por sua *subjetividade*. Como aponta Alessandro Portelli, esta não precisa ser exorcizada das narrativas orais ao se realizar a análise:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.<sup>12</sup>

Na compreensão do autor, a subjetividade não é um empecilho para o pesquisador realizar sua análise, mas um elemento a mais a ser considerado. As formas de narrar, as acelerações, interrupções, sequências de assuntos, revelam como as pessoas viveram os processos históricos narrados. É nesse sentido que nossa análise busca também problematizar a construção das memórias dos narradores, a fim de não tornar seus relatos uma mera fonte de informações, mas um testemunho vivo de suas relações com as transformações verificadas em Toledo e no oeste do Paraná no período estudado.

Neste artigo, analisamos duas narrativas orais, produzidas com trabalhadores – Marli e Januário – que se mudaram para a área urbana de Toledo a partir da década de 1970. Entendemos que ambas são suficientes para levantar as questões cujas respostas ora perseguimos, pensando na *representatividade*<sup>13</sup> dos narradores a partir da concepção de Alessandro Portelli, para quem as narrativas orais individuais são *possibilidades*<sup>14</sup> de expressão de elementos e tendências socialmente compartilhados .

<sup>10</sup> RONCAYOLO, Marcel. Região. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 8 (Região), 1986. p. 163.

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2000. p. 172.

<sup>12</sup> PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, pp. 59-72, 1996. pp. 60-1.

<sup>13</sup> Ibidem. pp. 69-70.

<sup>14</sup> Ibidem. pp. 70-71.

Assim, principiamos nossa análise com a narrativa de Marli, que na época da entrevista – realizada em 21 de março de 2008 – era empregada doméstica e contava 48 anos de idade. Morava no Jardim Parizzotto, bairro localizado entre o centro da cidade e o frigorífico da Sadia, sendo considerado um dos bairros centrais, onde vive uma população de classe média baixa. Sua narrativa é bastante objetiva, por conta disso a entrevista requereu a feitura de inúmeras perguntas.

Sobre a trajetória de vida da narradora, ela nasceu no estado de Santa Catarina, de onde se mudou ainda criança, junto com a família, para a zona rural do município de Marechal Cândido Rondon, próximo a Toledo. Filha de produtores rurais, nesse local sua família adquiriu uma pequena propriedade agrícola, onde ela viveu até se casar.

Após o casamento, Marli continuou vivendo no campo, porém, ela e o marido não possuíam terras. Por conta disso, trabalhavam como “agregados”<sup>15</sup> nas propriedades de outras pessoas, o que os forçava também a mudar constantemente o local de moradia e de trabalho:

**E aí a senhora (...)** [em] Vila Margarida [atualmente distrito de Marechal Cândido Rondon] foi onde a senhora casou, então? É, é... eu casei a... [pausa] o meu pai morava no... [pausa] lá no sítio né? De... Vila Três Irmãs... **Ah tá.** Era em Vila Tres Irmãs... Ele, ele tem o sítio lá até hoje ainda. [pausa] Então era lá né. **E aí a senhora foi morar aonde?** Daí eu fui morar em Vila Margarida. **Em Vila Margarida?** Uhum... **Com o seu marido?** Sim. Com o meu marido, exatamente. **O que vocês faziam em Vila Margarida?** Era... Trabalhar na lavoura. **Vocês tinham terra?** Não. Era... agregado. **Vocês ficaram muito tempo ali em Vila Margarida?** Um ano. **Um ano?** Uhum. **Aí vocês foram morar [onde]?** Para Toledo. **Toledo. Em qual lugar aqui de Toledo, mesmo era, era na cidade... ou era...** Era... ali no [bairro] Panorama. (...) **Vocês faziam o quê ali no bairro Panorama?** Há... o meu marido trabalhava na Sadia. **Na indústria?** É... em aviários. (...) **Tipo morava ali no bairro Panorama...** Sim. ...**Mas ia trabalhar nos aviários?** Sim. Morou, a gente morou pouco ali daí foi morar nas, casas da Sadia. Lá, nas granjas da Sadia. **Era já na linha...** Linha... **Mandarina?** **Ahá. Ah, ele morava ali no Panorama e ia para...** É. ...**Linha Madarina.** Ia, vamos dizer, é [pausa] Mas daí a gente já ganhou casa da, empresa na lá [pausa]. **Lá na [Linha] Mandarina.** Na [linha] Mandarina, fica pertinho lá né? (...) Aí só ele trabalhava [na granja, pois ela cuidava do filho]. Ali ele ficou... 5 anos ele fi, o meu marido ficou trabalhando na Sadia. Daí dali ele saiu, e tornou a voltar pra Vila Margarida.

Essas questões foram feitas no começo da entrevista, quando Marli ainda se encontrava um pouco nervosa, razão de algumas das pausas do começo de seu relato. Sobre a transferência dela para Toledo, constatamos, em outro momento da entrevista, que ocorreu no início da década de 1980. Nesse período, sua mudança não representou uma experiência com o urbano, pois a própria passagem pelo bairro Panorama foi rápida e, naquele período, o local tinha feições bastante rurais. Também não representou o abandono de atividades rurais, pois, como ela destaca, seu marido permaneceu trabalhando no campo, cuidando de aviários, muito comuns na região em virtude da presença do frigorífico da Sadia na cidade.

<sup>15</sup> Termo utilizado regionalmente para designar os trabalhadores do campo não proprietários, que atuam em regime de parceria agrícola ou mesmo de arrendamento.

Ele trabalhou cinco anos nesses aviários, possuindo vínculo com a Sadia. No restante do tempo, atuou nas propriedades de avicultores, onde ele e a esposa trabalhavam em uma espécie de parceria com o proprietário e recebiam 20% dos valores sobre a produção.

Embora a ênfase da narrativa de Marli recaia sobre o trabalho do marido, ao longo de sua narrativa destaca que trabalhava ativamente a seu lado, realizando serviços como carregar sacos de ração, lavar e pintar os aviários, tirar e ensacar esterco, dentre outras inúmeras atividades. Ela descreve esse trabalho como repleto de atividades árduas, que demandam empenho para que a produção dê bons resultados.

Em suas memórias, o período em que ela e o marido trabalharam nos aviários, entre as décadas de 1980 e 1990, não é apresentado como de crise, de escassez, de labuta, mas como um tempo em que encontravam trabalho facilmente nesse ramo. Como destaca, os avicultores necessitavam de pessoas com experiência, para que o empreendimento não desse prejuízos, pois caso os frangos não fossem bem cuidados, morreriam em grande número. Por conta disso, afirma, seu marido podia mudar muito de local de trabalho, uma vez que existiam muitas oportunidades para quem sabia lidar com tal atividade. Tal elemento indica, portanto, que as mudanças decorrentes da introdução de novas tecnologias no campo foram vividas de diferentes formas pelos trabalhadores. Enquanto uns se sentiram prejudicados pelas mudanças – vendo-se “expulsos” –, outros, como Marli, observam o processo sob outra ótica, pois permaneceram no campo, aproveitando os espaços restantes – mesmo que diminutos.

Quanto à mudança para Toledo, na década de 1980, notamos que também não representou uma fixação de Marli no município. Ela, o marido e o filho ainda se mudaram para outros lugares, dentro da região, como narra na sequência da primeira citação:

**Ah, ele foi para Vila Margarida?** É. Pediu a conta ali, daí nós voltamos para Vila Margarida. Daí de lá ele morou [pausa] em Vila Margarida ele morou, foi, moramos um ano [pausa] dali ele saiu de novo [pausa] e foi morar em, em Quatro Pontes. (...) De lá moramos nove meses, ele voltou, ele pediu a conta [pausa] veio para Toledo de novo. Daí moramos ali na [linha] Lopeí, aqui em Toledo. (...) Ali nós moramos um ano [pausa] nesse, nesse lugar ali, daí ele saiu, aí viemos morar aqui. Aqui na... acho que é [bairro] Pansera o nome dessa vila perto. Daí ele foi trabalhar na... na empresa Ondina, ali ele trabalhou um ano, saiu de novo. Aí foi para... para [distrito de] São Francisco. (...) São Francisco, foi morar em São Francisco, daí morou um ano em São Francisco. Aí de lá ele pediu a conta de novo. Aí... veio para São Judas Tadeu. Né, foi onde que de São Judas Tadeu ele, fugiu embora né? **Uhum.** Daí dali eu fiquei sozinha. Daí eu fiquei morando sozinha lá né. Daí... de, dali eu fui para Guaíra. Daí morei em Guaíra esses anos [pausa] oito anos. De onde que eu voltei aqui para Toledo né? Eu estou, hoje em Toledo.

Eles viveram em diferentes localidades da região, como Vila Margarida, pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon; Quatro Pontes, também outrora distrito daquele município, mas atualmente emancipado e outros locais que foram

ou ainda são pertencentes ao município de Toledo, como Lopeí, São Francisco e São Judas Tadeu. Em meio a essa trajetória, observamos que a família se mudou da zona rural de Toledo, da localidade de Lopeí, para a zona urbana, estabelecendo-se no bairro Pansera, onde o marido de Marli trabalhou em uma fábrica. Em outro momento de sua narrativa, ela também relata ter morado no bairro Vila Industrial, em Toledo, antes de se mudar para Guaíra. Portanto, ela e a família experimentaram o viver na cidade e o trabalho urbano, o que, todavia, não representou uma passagem definitiva do campo para a cidade, pois logo se dirigiram para as localidades de São Francisco (que atualmente integra o município de Santa Tereza do Oeste) e São Judas Tadeu (que hoje faz parte do município de São Pedro do Iguazu), onde voltaram a trabalhar no campo.

Nesse último local ocorreu a separação de Marli, algo que marcou sobremaneira sua vida e que ela caracteriza como “fuga” do marido. O termo “fugiu” indica como a narradora viveu esse processo, entendendo-o, ao mesmo tempo, como “abandono” e como “fuga” das responsabilidades que seu marido tinha para com a família. Nesse momento, notamos que a narrativa muda de tom, pois até então, na fala de Marli, o marido protagonizava a trajetória de toda a família. A partir da separação, ela passa a colocar-se como sujeito das ações que empreendeu, como a decisão de mudar-se para a cidade de Guaíra, também na região oeste do Paraná. A esse respeito, foi muito enfática ao responder-nos sobre como se sentiu quando da separação:<sup>16</sup> “...eu [pausa] ergui a cabeça e fui em frente. Fiz o lote de frango sozinha [pausa] para ir para o abate. Me virei da, e daí, e dali, né, eu tomei a decisão, fui para Guaíra...”. Marli, nesse trecho de sua entrevista, utiliza a primeira pessoa, destacando ações pessoais através das expressões “fui”, “fiz” e “tomei a decisão”, colocando-se em primeiro plano na narrativa. Sua fala também fica truncada, em certo momento, após dizer “virei da”, o que pode revelar a tristeza vivida no passado, quando da separação, sendo revivida no presente, quando da produção do relato.

Após a separação, Marli deixou a localidade de São Judas Tadeu, deslocando-se para Guaíra. Perguntamos a ela sobre como aconteceu essa mudança:

**Como foi assim essa decisão de ir embora para Guaíra? Por que mudar para Guaíra?** É quando eu mudei para Guaíra. [Silêncio] Porque eu tinha o meu irmão né... sargento que morava lá. Mas eu não estava querendo ir para Guaíra, eu não conhecia Guaíra. Eu queria ficar aqui em Toledo mesmo, mas eu não consegui nenhuma casa [pausa] para eu alugar. Porque na época, [pausa] eles não alugavam casa para... mulher separada. Como fazia que meu marido tinha fugido embora, né. Então eu não consegui casa para alugar eu fiquei andando duas semanas aqui e procurando [acelera o ritmo da narração] casa para alugar, mas eu não consegui. Daí foi onde que o meu irmão ligou para mim e falou que eu era para ir para Guaíra, que ele estava no quartel [pausa] e... e daí ele ia alugar uma casa, e... ele alugava a casa, ele pagava o aluguel e eu entrava com a mudança, né? Então foi o que eu fiz. Só que eu fui, eu n... n... eu não me arrependo. Porque eu cheguei lá, daí eu tinha casa e, estava quinze dias lá [quando então] comecei trabalhar. Foi por isso que eu fui pra

<sup>16</sup> Como parte da resposta à nossa questão: “Quando ele foi embora e a senhora ficou sozinha ali em São Judas Tadeu com seu filho, como é que ficou para a senhora a situação ali? Como a senhora se sentiu nesse momento? Ah eu... Que decisão tomou?”.

lá. Porque, eu, eu não queria sair de Toledo, eu queria ficar aqui. Porque eu sabia que era aqui onde que meu filho sempre gostava ele era criança ainda né? Os estudos dele aqui era melhor para ele aqui. Quando eu fui para Guaíra [pausa] é... os estudos lá não eram tão bons, quanto aqui. Daí lá eu fiquei oito anos morando lá porque não, ficava difícil. Até... até ele [o filho] ficar de maior idade, começar trabalhar. Foi onde que... voltei para Toledo. Porque hoje o [nome do filho omitido pelo autor] está trabalhando né? Aqui. Por isso que eu voltei. Mas aqui, eu gosto de morar aqui, eu prefiro aqui que aqui é melhor de emprego. Porque... Guaíra é... muito assalto, muito roubo muito... É difícil de morar lá. Mas eu estava bem lá também. Só que, como para o [nome do filho omitido pelo autor], não né? Melhor, é aqui para ele. Do que lá. Aqui tem mais concurso, essas coisas. Tudo melhor do que lá, divertimento aqui é melhor que lá. Então... prefiro ficar aqui em Toledo.

Nessa passagem, Marli explica sua mudança a partir da temática da moradia. Conforme aponta, por ser separada, não conseguiu alugar um imóvel na cidade de Toledo, onde pretendia ficar. Nesse momento, sua fala acelera, apontando para as dificuldades da narradora em rememorar passagens angustiantes de sua vida. Como solução para tal problema, seu irmão, que era sargento no batalhão de Guaíra, alugou uma casa para que todos morassem juntos. Nesse processo, destaca como conseguiu construir seu espaço naquela cidade, encontrando emprego rapidamente, na associação comercial, como copeira/zeladora. Em outros momentos, também destaca como acabou por conseguir a casa própria, situada em um bairro de Guaíra, a qual ainda possui.

Apesar das conquistas, afirma que não gostava de morar lá, utilizando-se de diferentes elementos para explicar sua preferência por Toledo, como a violência de Guaíra, dado recorrente na imprensa regional e até nacional, dentre outros fatores, destacados em outros momentos de sua narrativa. Assim, aponta que não pretendia ir embora de Toledo, tendo sido forçada pelas circunstâncias. Tal oposição à mudança é sustentada pela narradora quando esta ressalta as qualidades de sua cidade atual, onde haveria mais empregos e educação de melhor qualidade, sendo também um local onde seu filho, desde criança, preferia viver, argumento produzido por suas memórias a fim de reforçar a importância de retornar a Toledo.

Todos esses elementos são utilizados para explicar a viabilidade e a necessidade de voltar para Toledo. Sobre essa nova mudança, na década de 2000, Marli destaca:

**E dona Marli, a senhora podia comentar como é que foi essa, volta para Toledo? Quando a senhora saiu lá de Guaíra, como é que foi, sua vinda para cá? Como é que aconteceu isso, a senhora comentou um pouco [antes], mas se pudesse, comentar de novo assim mais em detalhes, né? Como foi sua vinda de volta para Toledo? Ah... agora o... a. A última vez? Aha. Bom [pausa] eu voltei aqui para Toledo por causa, né, porque o [nome do filho omitido pelo autor] [pausa] que o meu filho começou [a] trabalhar na Sadia aqui, né? Foi po, por isso que eu vim para cá. Que daí eu... saí do meu trabalho em Guaíra, e vim aqui para Toledo, para ficar com ele. Para ele não ficar sozinho aqui e eu lá. [Silêncio] Foi por isso que eu vim.**



Conforme relata, Marli deixou o trabalho em Guaíra e mudou-se novamente para Toledo, a fim de acompanhar o filho, que havia se mudado antes e encontrado emprego na indústria da Sadia.

Ao longo da narrativa, nota-se que ela associa suas mudanças ao “acompanhar” alguns dos homens de sua família. Apesar de isso indicar uma possível submissão dela, principalmente em relação ao marido, notamos que Marli se coloca como sujeito nesses processos. Segundo ela própria afirma, durante seu casamento:<sup>17</sup> [11:50] “... Sempre, sempre eu puxei a frente [do trabalho e da vida familiar] né? Eu sempre. [Pausa] Eu ajudava a organizar tudo. Tudo, tudo, tudo, tudo, eu sempre estava na frente, tudo eu que ajud[ava], eu que puxava a frente”. Portanto, Marli não se anula perante os processos históricos vividos e, mesmo no tempo em que ainda era casada, se coloca como sujeito de situações vividas. Quando relata sua mudança para Guaíra, deixa claro que a decisão foi sua, apesar de todos os problemas enfrentados, descrevendo como conseguiu emprego depressa e, ao longo do tempo, conquistou sua independência, adquirindo até mesmo a casa própria.

Contudo, no momento de retorno para Toledo, ela coloca em primeiro plano a preocupação de não deixar o filho sozinho, ao invés de temer por ficar sozinha. Isso indica a importância, para Marli, da família como recurso para prover sua própria sobrevivência. Nesse caso, o núcleo familiar não aparece como um grupo social independente, mas como um elemento integrante de uma experiência de classe. Seu marido era importante para conseguir o emprego para a família, embora ela também trabalhasse e, muitas vezes, até comandasse o trabalho. Seu irmão representava um canal para a locação de uma casa, pois nos valores machistas desse lugar e da época, ela, enquanto mulher “separada”, nada conseguiria. O filho, por sua vez, era quem ela precisava assistir e, para isso, necessitava estar próxima dele. Dessa maneira, a família é uma unidade que lhe garante superar os graves obstáculos vivenciados ao longo de sua vida.

No entanto, notamos que, além da família, outros elementos foram importantes para Marli prover sua sobrevivência, como viver nos meandros do rural e do urbano, alternando localidades de moradia, no interior da região. Nesse sentido, percebemos na trajetória de Marli algo semelhante ao que Niel Smith<sup>18</sup> aponta sobre a importância da mobilidade humana no enfrentamento de processos de coerção sofridos por moradores da cidade de Nova York. Ele chama a atenção para o caráter político que a mobilidade pode adquirir, como forma de sobrevivência e afirmação de determinados grupos sociais na cidade.<sup>19</sup> No caso de Marli, mudar-se pelas localidades da região é, ao mesmo tempo, um recurso e uma condição para que ela possa sobreviver.

<sup>17</sup> Como parte da resposta à nossa questão: “E como é que a senhora se... é... Como é que... a... senhora, e o seu marido, lidavam [com] isso em família? Né, como é que funcionava a organização da família, no trabalho a senhora, é... Ajudava a tomar, a tomar decisões, organizar as coisas. Como é que funcionava isso? Quando a senhora era casada.

<sup>18</sup> SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio Augusto. O espaço da diferença. Campinas/SP: Papyrus, 2000. pp.133-175.

<sup>19</sup> Ibid.

Ainda sobre a trajetória de Marli, cabe analisarmos algumas questões. No momento em que realizamos sua entrevista, buscávamos entender as relações dos trabalhadores locais com a região e os possíveis processos de fixação na cidade. Ao responder-nos sobre tais questões, notamos que a narradora sempre se esforçava para deixar claro sua ligação com a cidade, apontando para o desejo de ali permanecer, materializado principalmente na expectativa de conquistar uma casa própria em Toledo.

Todavia, deixando essas respostas de lado, percebemos ao longo da narrativa de Marli como suas memórias constroem seu lugar social na cidade. Ela efetua esse movimento a partir das lembranças: 1) do trabalho no campo, com os aviários, caracterizado como trabalho que “não gostava”, “muito pesado” e que “prendia” a pessoa, restringindo os momentos de lazer; 2) das formas negativas como caracteriza Guaíra, com menções à violência e à má índole de alguns de seus moradores; 3) dos aspectos negativos ressaltados sobre outros bairros de Toledo, onde sua casa fora assaltada. Dessa forma, constrói Toledo como seu lugar – ao passo que trata Guaíra como uma experiência à parte –, explicando suas mudanças de cidade e de trabalho pela necessidade, e não por mera opção. Ela também se projeta a partir de suas memórias como trabalhadora urbana, residente em bairro não periférico, diferente de outros onde morou, mesmo depois que voltou de Guaíra. Rejeitar a periferia, ainda sendo um ato individual, não deixa de ser uma forma de reivindicar direitos, como o de ocupar um espaço na cidade próximo às áreas centrais, onde trabalha.

Por conseguinte, ao tratar Guaíra como lugar com o qual não se identifica, circunscreve uma região oeste do Paraná diferente daquela delimitada por órgãos governamentais ou projetos de desenvolvimento. Assim, emerge de sua experiência uma região em que a narradora separa locais com os quais se identifica (como a zona rural de Marechal Cândido Rondon e o município de Toledo) daqueles onde não gostou de morar (como Guaíra).

Com relação às formas de perceber a cidade, notamos que suas memórias compartilham elementos de versões e projetos hegemônicos delineados para o lugar. Assim, ela o observa como local de oportunidades, emprego, educação e lazer. Ela se reconhece, portanto, nos projetos dos setores dominantes da sociedade que transformaram Toledo em polo industrial e educacional/universitário. Entretanto, não vemos nisso uma ingenuidade de Marli, mas um resultado de sua própria vivência na cidade. Ela se percebe nesses projetos justamente porque atendem a algumas de suas expectativas, permitindo que ela e o filho tenham uma vida estável no lugar. No momento da entrevista ambos estavam empregados, ele trabalhava em uma das indústrias locais, além de fazer uso dos serviços de lazer da cidade. Posteriormente, o rapaz retomou os estudos, o que pode ter ido ao encontro de uma expectativa que já vinha sendo nutrida pela mãe desde o momento em que se realizou a entrevista. Nesse caso, parte da imagem positiva delineada sobre o município não era vivida por Marli apenas como promessa, mas como realização.

Outra narrativa que também é significativa para se refletir sobre as transformações ocorridas na região a partir da década de 1970, bem como suas implicações para o crescimento da cidade, é a de Januário, aposentado na época da entrevista, realizada em 31 de janeiro de 2009, quando o narrador contava 82 anos de idade e morava na região (periférica) da Grande Pioneiro, em Toledo.

Nascido em Minas Gerais, mudou-se para o estado do Espírito Santo, de onde se transferiu para o norte do Paraná. Nesses lugares, alternou o trabalho no campo e na cidade. No último estado, viveu na cidade de São José do Ivaí, onde era agricultor. De lá, mudou-se para o município de Toledo, na década de 1970, mais precisamente para o distrito de Luz Marina (que atualmente integra o município de São Pedro do Iguçu), para novamente trabalhar na agricultura. Conforme destaca, sua mudança foi bastante planejada, chegando a fazer uma viagem preliminar para conhecer o local:

**É, e de Toledo, como é que o senhor ficou sabendo de Toledo, o senhor (...) veio aqui ver antes, como é que era? [inaudível].** É, quando eu vim em [mil novecentos e] setenta, eu vim vê, que eu falei para você. Nós veio de lá de, de onde nós nos tava. Aqui era, falava em Toledo era o fim do mundo! **É?** Era. De lá quando fala[va]: “Ih, Toledo, ih, ninguém vai num lugar daquele lá! Lá só tem jagunço! [fala com ênfase] É um lugar perigoso! [também com ênfase]”. Era nada, [não] era perigo[so], aí nós veio aqui. E olhava, e cheguei e não vi nada disso aí. Se tinha, em Assis [Chateaubriand], ali naqueles terrenão bom ali ainda tinha uma, um seqüestro [de terras] ruim do cacete! [risos] Ali morreu muita gente. Mas aí eu... Eu não tava afim disso aí, eu tava afim era de trabalhar né [risos].

Nessa questão, pedimos para Januário expor com maiores detalhes o processo de mudança para Toledo, o qual teria sido planejado por ele com certo cuidado, conforme nos havia informado em momento anterior de seu relato. No trecho transcrito acima, Januário cita os alertas recebidos de amigos, segundo os quais Toledo seria um lugar perigoso, onde existia “jagunços”, ou seja, havia conflitos de terra. No momento em que relata tais comentários, pronuncia com ênfase a palavra “perigoso!” e, com intensidade ainda maior, “jagunço!”, recriando, através da maneira de falar, o clima de periculosidade que se construiu, no norte do estado, sobre o município do oeste paranaense. Todavia, o narrador esclarece que não chegou a observar a violência no campo em Toledo, sinalizando que tais conflitos somente podiam ser observados em municípios vizinhos, como Assis Chateaubriand. Em outros momentos de sua entrevista, perguntamos se ele havia presenciado tensões desse tipo em Luz Marina, pois é sabido que nesse local ocorreram diversas tensões, como aquelas pontuadas em obra memorialística sobre o outrora distrito de Toledo.<sup>20</sup> Januário sempre foi categórico ao responder de forma negativa, indicando que somente ficou sabendo de problemas desse tipo na vizinha São José, antigo distrito de Santa Helena e atual município de São José das Palmeiras.

<sup>20</sup> YOSHIDA, Iraci da Silva Menezes. (coord.). Com licença somos distritos de Toledo: projeto repensando os distritos de Toledo. Prefeitura Municipal de Toledo: Toledo, 1988. p. 21.

Sabemos que os conflitos em Luz Marina ocorreram no decênio de 1960<sup>21</sup> e que Januário se mudaria para lá apenas na década seguinte. Porém, não descartamos a possibilidade de ele ter silenciado sobre tais fatos, uma vez que estes constam em obra memorialística publicada no fim da década de 1980, a qual foi produzida com base em relatos orais de moradores daquela localidade, fazendo-nos supor que tais versões fossem circulantes na localidade. Porém, se houve um silenciamento por parte do narrador, possivelmente isso se deu com o intuito de não associar – de nenhuma forma – sua trajetória pessoal àqueles conflitos que, reforçamos, ocorreram no local antes de Januário mudar-se para ali.

O movimento de negar a violência no campo no território que já pertenceu ao município de Toledo, mas lembrar outros casos conhecidos, relacionados a municípios vizinhos, é muito comum na cidade e está presente nas narrativas de outros moradores. Existe certo tabu em falar sobre esse tipo de assunto, uma vez que se construiu, de maneira muito forte, a imagem de uma região cuja ocupação do campo se deu de forma ordenada, com base em propriedades adquiridas através da compra de empresas “colonizadoras”, mediante escritura.

Na sequência do relato, Januário destaca a violência atualmente existente na cidade, advinda do tráfico e consumo de drogas. Talvez quisesse lembrar às gerações mais novas que os conflitos com mortes não eram exclusividades do passado, mas também compunham o presente.

Sobre sua vida em Luz Marina, nos relatou que ali morou por sete anos, tendo trabalhado parte deles na chácara de um amigo. Entre as diversas atividades que desempenhou, cita o cultivo de hortelã, muito comum na região na década de 1970, pontuando os bons rendimentos que essa cultura trazia. Depois disso, mudou-se para o Paraguai, onde ficou por dois anos e, como frisa, não se adaptou. Voltou e morou mais um tempo na vila de Luz Marina, onde comprou uma casa.

Finalmente, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, mudou-se para a zona urbana de Toledo, onde ainda vive. Ali continuou trabalhando em diferentes ofícios:

**Seu Januário, depois que o senhor veio morar aqui para Toledo, o senhor nessa época já era aposentado ou o senhor...** Não! ...continuou trabalhando aqui? Não, continuei ainda! Trabalhei numa fábrica de, de, de, de material de construção, três anos! E daí... aqueles três anos eu passei ali e daí fui no Mato Grosso, trabalhei lá um ano. Mas assim, sozinho né, a família ficou aqui. Era só eu e a mulher mesmo. Aí ela ficou aí e eu fui lá fazer um teste lá, eu... Não deu liga também não. Não gostei não, mas... Produzia, mas não tinha preço! Também. Eu tô correndo... eu tô correndo longe de, de, de, de de lugar, o jeito que produz o cara não acha ali para quem vender! Vim embora de volta. Chegou aqui, parei aí. Aí nós [inaudível]. Isso foi em sessenta e... [pausa] e... oitenta... [pausa] e já foi oitenta. Quando foi em oitenta e três eu aposentei. Daí tá, pá [pausa] hum, não trabalhei... Ainda trabalhei ainda! De vez em

<sup>21</sup> Ibid.

quando assim, em particular, assim. Porque eu, trabalhava de carpinteiro, pedreiro, né. Aí dava umas, [pausa] aparecia um servicinho e tava desocupado e ia trabalhar [inaudível]. E aí foi indo entreguei, mesmo, agora eu não vou mexer com mais nada não, já chega! Mas eu estou com no, oitenta e um ano já! Não é mesmo para trabalhar mais né? [risos]. Já deu, o de, trabalhar, no dizer do velho, já deu mesmo, está bom!

Na área urbana de Toledo, Januário trabalhou na construção civil, como pedreiro e carpinteiro, além de ter atuado – ele e a esposa – como trabalhadores volantes do campo, os chamados “boias-frias”, segundo informa em outros momentos de sua narrativa. Mesmo depois de se mudar para a cidade, insistiu na agricultura, indo atuar junto de seu filho em uma área rural do município de Alta Floresta, norte do estado de Mato Grosso. O projeto foi mal sucedido, em virtude da falta de infraestrutura, na época, para comercialização da produção.

Sua vida, portanto, foi um constante alternar lugares de moradia e atividades rurais e urbanas, ao fim do que acabou por aposentar-se, quando já morava na área urbana de Toledo. Para a aposentadoria, os tempos de trabalho como agricultor foram muito importantes, sendo de fundamental importância, como cita, ter se sindicalizado. Já o ofício de pedreiro o auxiliou a construir a própria casa, a segunda em que residiu na cidade de Toledo, conforme aponta. Podemos notar, então, como esses trabalhadores foram improvisando suas vidas na cidade, comprando lotes (num tempo em que seu preço não era tão elevado, como bem frisa Januário) e utilizando seu próprio trabalho para edificar suas moradias. Tendo isso em vista, perguntamos a Januário como era o bairro quando chegou à cidade:

**Seu Januário, é... quando o senhor veio pra cá, como era o bairro assim? O senhor comentou algumas coisa, tinha pouca casa... como é que era por aqui esses lados da cidade?** É, não, era, era igual hoje mesmo. Só que naquele tempo, as coisas eram baratinho. A gente trabalhava e ganhava um pouquinho mas, ia construindo assim [pausa] devagarinho também, não era, [pausa e barulho ao fundo] ia construindo, mas devagarinho assim, essas casas que vai ter aqui, foi tudo construída, quase tudo por fun... fun... funcionários da Sadia. Trabalhando na Sadia e foi construindo. Até hoje tá formou tudo aí... Só que daqueles que trabalhavam na Sadia naqueles tempos têm... hoje têm poucos, né, porque a maioria já... aposentou... outros, vendeu e foi para outros lugares né... Mas a Sadia foi muito boa. O povo ainda fala muito da Sadia: “Ih, mas Sadia...” Uma coisa melhor que tem no pa... aqui em Toledo é a Sadia. Se a Sadia chegar, fracassar ali para acabar [pausa] hum Toledo não vai tá, não tem mais nada também! Porque a Sadia movimenta aqui é a Sadia! Concorda comigo? **Sim.** É... [se] acabar a Sadia ali, acabou tudo! A Sadia é muito boa! É... o povo reclama que é... Mas é que o povo reclama todas [as] vez[es], não tem nada que está bom para ninguém! Uns querem ganhar muito sem, sem trabalhar, outros que trabalha pouco [pausa]. O que trabalha ganha pouco, e o que não trabalha ganha muito! Que nem na Sadia tem nego lá que não faz nada lá ganha quinze, dez, quinze mil por mês. E... e o outro que vai morrer lá sufocando lá, e ganha quinhentos, setecentos conto [reais por mês], seiscentos. Não é não?

Emerge da narrativa de Januário um dos marcos da cidade de Toledo – muito presente no cotidiano dos moradores da cidade e na mídia local – a Sadia. Sua fala, nesse momento, volta-se para a cidade do frigorífico, dos trabalhadores dessa empresa que formaram o bairro em que mora. Nesse aspecto, aponta para a centralidade da empresa na cidade, não conseguindo visualizar futuro para o local sem esse empreendimento, perspectiva sobre a qual me inquiri, a fim de obter minha concordância com a questão.

Ao mesmo tempo, não deixa de pontuar as contradições sociais que se constituem em torno das relações de trabalho na empresa, frisando que, a seu ver, alguns ganham muito para trabalhar pouco, enquanto a maioria ganha salários muito baixos. Dessa maneira, evidencia a oposição entre quem ocupa cargos administrativos e desfruta de salários melhores, em detrimento dos trabalhadores da linha de produção. Assim, critica a desvalorização do trabalho manual, caracterizando esse tipo de atividade como “sufocante” – além de mal remunerado –, enquanto apresenta os tecnocratas e burocratas como quem “não faz nada”. Tais termos constroem em sua narrativa as contradições que ele observa na sociedade, o que o faz afirmar, logo adiante, que “...Não tem melhora para... quem trabalha!”, em uma visão pessimista de futuro para a classe trabalhadora.

A importância da Sadia também é destacada por Januário ao explicar o movimento de saída de trabalhadores dos distritos de Toledo para morar na cidade. A esse respeito, trata principalmente de Luz Marina, local onde residia antes de se mudar para a cidade, em duas temporalidades, entre as décadas de 1970 e 1980 e no período em que produzimos a entrevista:

**O senhor podia me contar um pouquinho por que as pessoas foram saindo desses lugares, que eram antigos distritos de Toledo, né, Luz Marina, saindo, [de] São Pedro, Ouro Verde e vindo aqui para Toledo. Por que as pessoas resolveram sair [inaudível]?** É porque lá não tinha serviço para trabalhar. **É?** É. Não tinha emprego, não tinha nada. As lavouras acabaram. O chão virou pasto. Quem [inaudível] ficar morando num lugar assim que não tem [inaudível] né... Não tem serviço para trabalhar, o pessoal sai! Aonde tem serviço, chega assim... Chegava aqui, a Sadia que trazia esse povo para cá. Como hoje tem gente de lá trabalhando na Sadia, eles vêm aqui [pausa] vem aqui e trabalha de noite e volta para, e volta [pausa, barulho ao fundo]. Vem aqui e trabalha, volta, posa [pernoita] lá, quando amanhã vem de novo... E está bem... Tem é... com, um conhecido meu que tem [vem] de lá e que trabalha aqui. Sai lá de Luz Marina e vem aqui e trabalha e volta de noite, de madrugada. Amanhã vem de novo, todo dia... o mês inteiro, ano, dois anos... trabalhando. E lá não, não tem jeito, não acha nem serviço para trabalhar! Vai viver lá de que? E o... a casa lá, o aluguel [pausa] a... pessoa tem a casa né. [Tosse] Mas se for vender não dá para comprar nada! É muito barato. [Silêncio] Outro dia tinha uma, tinha oito lotes lá para vender, assim uma quadra. À... à mil reais, à um mil real cada um, dava oito mil. Oito mil aqui não dá para comprar [em Toledo] nem uma, nem uma meia ág[ua], [casa] meia [água] dá! Não dá não. Então o cara fica morando lá mesmo. Vem e trabalha, é sofrido mas, quem precisa, né, o que eu falo. Não... tem outro jeito, tem que trabalhar né! Tem muita gente que mora aqui que é... trabalhava, mora lá e trabalha aqui. E dali, em [Marechal Cândido] Rondon, tem gente dali [de

Luz Marina], por exemplo, que trabalha em [Marechal Cândido] Rondon também lá no frigorífico lá. Copagril [cooperativa local], é Copagril né? **Aham [concordando]**. Que trabalha lá.

Januário apresenta outra dimensão dos processos de transformação da produção agrícola na região, ocorrida a partir da década de 1970, além da mecanização, ou seja, o abandono da produção de cereais para a formação de pastagens nas propriedades. Esse processo foi muito comum nas áreas onde o relevo não permitia a utilização de máquinas, como no caso de Luz Marina. Nesse sentido, muitos pequenos produtores venderam suas propriedades para fazendeiros (pecuaristas) e os outros, que não eram proprietários, ficaram sem trabalho.

Diante desse quadro, Januário frisa que Toledo tornou-se um local atrativo para esses trabalhadores, pois oferecia empregos, principalmente na Sadia. Assim, constrói uma narrativa na qual o frigorífico aparece como oportunidade de trabalho e, mais do que isso, como se ele é que necessitasse dos trabalhadores, trazendo-os para a área urbana. Dessa maneira, se a visão que Januário produz sobre a empresa é, por um lado, de certa “benevolência”, por outro, esses trabalhadores não são tratados como “invasores” da cidade – tal qual muitas vezes fica implícito em certas versões que tratam do crescimento urbano local –, mas como quem foi buscado para trabalhar na indústria e, conseqüentemente, ajudou a viabilizá-la, contribuindo para sua prosperidade.

Observamos, então, como Januário constrói uma visão complexa sobre a Sadia, pois, ao mesmo tempo em que aponta as contradições das relações de trabalho existentes na empresa, não deixa de observá-la de forma positiva, como empregadora séria, que paga os salários em dia e cumpre com seus compromissos, considerando-a fundamental para a cidade. Assim, não visualiza uma Toledo viável sem a existência dessa empresa, compartilhando as versões elogiosas, circulantes no local, que narram a cidade como lugar rico e desenvolvido, em grande parte por sediar uma das plantas do grupo Sadia.

Sobre o período mais recente, o entrevistado destaca os frigoríficos da região, que se encarregam de buscar esses trabalhadores todos os dias nos lugares onde moram, o que evita sua mudança para as cidades nas quais se localizam as fábricas. Trata-se, portanto, de um movimento de criação de lugares-dormitório, onde as pessoas residem, mas não trabalham. Nesse momento da narrativa, Januário também observa como positiva a atuação da empresa – no caso específico da Sadia –, entendendo que isso evita que essas pessoas fiquem desempregadas ou que sejam prejudicadas na comercialização dos imóveis, caso tivessem que vender suas casas para adquirir outras na área urbana de Toledo. Embora não coloque em questão a especulação imobiliária na cidade, compreende tal situação como uma alternativa para o trabalhador. Em sua opinião, o transporte diário fornecido pela empresa para os empregados auxiliaria a mantê-los nos seus locais de origem. Vale frisar, porém, que outras pessoas contatadas na pesquisa apresentaram versões diferentes para o mesmo fato, indicando que muitos desses

trabalhadores acabam mudando-se para a cidade, ao longo de certo tempo, em parte por conta do desgaste provocado pelas viagens diárias. De qualquer forma, notamos como Januário estabelece sentidos através dessa construção narrativa, apontando para o modo como a cidade de Toledo é dependente da região (compreendida por ele como seu entorno); ambas não existem como esferas isoladas, mas são interdependentes.

Para além das questões até aqui abordadas, notamos que Januário narra não apenas sua trajetória pessoal, mas também apresenta sua percepção sobre o processo mais amplo de transformação da cidade e da região. Isso fica visível em uma pergunta que fizemos pouco depois da citada anteriormente; nela, indagamos sobre as reações da população de Toledo frente a esse movimento de trabalhadores do campo rumando para a área urbana, a partir da década de 1970:

**E quando o pessoal começou a sair desses distritos e vir para Toledo e começou a aumentar a cidade, o pessoal daqui começou a se assustar com isso? [Inaudível]**  
Não. Acostumou, era tudo gente de perto, mesmo, conhecido. De longe, de longe não... pouca gente que veio de longe para cá. A maioria é[ra] [d]a região mesmo. Toledo cresceu com a, com a região im... com o pessoal da região mesmo. Foi vindo e, foi ficando, e foi aumentando e, e nós [es]tá[mos] indo! O que tá pior hoje é a violência, que é muito, né, mas... em outra coisa, em outra parte não, não piorou não. Foi bom.

Vê-se que Januário refuta a ideia de que tenham existido tensões nos processos de transformação empreendidos na cidade a partir da década de 1970. Assume, em sua narrativa, a posição de um observador externo, embora ele também tenha sido um dos muitos trabalhadores que saíram dos distritos para morar na cidade. Nesse aspecto, ao invés de elencar tensões, opta por reforçar a contribuição desses sujeitos para a cidade, através do trabalho, e o fato de a maioria ser, segundo afirma, oriunda da própria região, o que permitia que essas pessoas mantivessem relações com a cidade anteriores à mudança, como aquelas que ele próprio havia experienciado, conforme nos relatou em outros momentos de sua entrevista. Em suas memórias, o tempo de conflitos não se encontra no passado, mas no presente, com a violência decorrente do narcotráfico e das novas maneiras de viver da juventude urbana, o que também pode denotar um conflito de gerações.

É importante sublinharmos o uso que Januário faz da noção de região nesse ponto de sua narrativa. Ao esclarecer que tais trabalhadores afluíam do próprio entorno de Toledo e que por isso sua mudança para esse local teria sido tranquila, o narrador procura construir uma imagem de sujeitos que têm direito à cidade, por serem oriundos da própria região, de localidades que eram ou que já haviam sido integrantes do município. Dessa forma, observamos que ele se utiliza da noção de região, muito presente em projetos dos grupos dominantes locais, para convertê-la em instrumento de disputa, a fim de afirmar o direito dos trabalhadores à cidade, por terem toda uma trajetória no lugar, entendido como um *continuum* que agrega tanto cidade, quanto o município e a região.



Além disso, notamos como o narrador fala em nome não apenas dos moradores de seu bairro, mas de sua própria classe social, o que não significa que ele se constitua em uma força contra-hegemônica na cidade. Como vimos, sua visão sobre os frigoríficos da região é bastante positiva, o que sinaliza a complexidade dos movimentos que opera em sua consciência. Por outro lado, sua ideia a respeito das pessoas de sua classe social não é puramente de positividade:

**A maioria aqui então, que construiu aqui, que veio aqui para o bairro é do... da Sadia, trabalhava... É ...na Sadia?** Quase todo mundo! Quase tudo [que] construiu aqui foi deles, [empregados] da Sadia. [Inaudível] Mesmo, mas foi. Serviu, né? Então têm muitas pessoas que [pausa] tranquilo... os que sabe viver, sabe aproveitar né... Agora os que... não interessou [pausa] ele não tem nada também, outros já venderam, foram embora para outro canto [pausa] caçar melhora, e chega lá piora, volta aqui de novo... chega, vende o que tem, vai embora, quando acaba lá ele volta para cá sem nada pedir aí... vem nas rádio aí pedir roupa, pedir, moradia... pedir, de tudo! O senhor vê co, como é que é todo dia aí! Reclamação, pedindo as coisas e [pausa] sai de outros lugares [e] vem aqui pedir! To, Toledo é um lugar que [inaudível] melhor aqui nessa região que eu conheço é Toledo! É caro [o preço d]as coisas em Toledo, mais caro que nos outros lugares. Mas onde é que um [es]tá ganhando e [es]tá dando para viver é o... melhor né? Cascavel [município vizinho], Cascavel é bom de [comprar] [pausa] mais barato do que aqui. Quase tudo quanto. Mas, eu estou aqui eu vou pegar, ir lá no Cascavel comprar as coisas para eu, usar! Eu compro aqui mesmo, é mais caro, [porém]mais que eu compro é aqui!

Nesse momento, Januário efetua uma crítica às pessoas que deixam a cidade e, posteriormente, retornam, pedindo ajuda para se restabelecer. Como notamos, de certa forma ele compartilha da percepção, comum no local, de que a chegada de novos trabalhadores pobres para a cidade é causa de transtornos. Na sequência, aponta para o alto preço das mercadorias em Toledo, mas logo em seguida afirmar que isso não o impede de fazer compras no comércio local, mesmo tendo a opção de se dirigir ao município vizinho, Cascavel, onde os produtos custam menos. Em suma, avalia que, a despeito de certos aspectos negativos, Toledo é um bom lugar, onde é possível ganhar dinheiro e sobreviver. Prova disso seriam os moradores que deixam a cidade para se aventurar em outros locais e que acabariam retornando após terem sido mal sucedidos na mudança.

Nesse aspecto, Januário partilha de certos elementos integrantes dos projetos hegemônicos delineados para a cidade. Corroboramos nossa impressão algumas das afirmações realizadas por ele em outros momentos de sua entrevista, nas quais aprova o crescimento da cidade, entendendo que as pessoas que ficaram no local lograram êxito em conquistar uma vida melhor graças à sua persistência, ao passo que as demais não são tidas como excluídas, mas como desistentes de Toledo. O narrador, portanto, se reconhece em certos projetos hegemônicos, como o da cidade “industrial”, e no movimento mais recente, que entende o crescimento populacional local como um problema. Isso talvez porque Januário se veja como “vencedor”, já que o termo “venci” aparece em diferentes momentos de sua entrevista, e compreenda sua vitória como resultado de sua permanência, persistência e trabalho em Toledo.

Por outro lado, sua narrativa demonstra os movimentos de construção dessa classe trabalhadora. Em determinados aspectos existem solidariedades, o que é visível quando Januário reforça a origem desses sujeitos na própria região, sua importância para a cidade enquanto atuantes na maior empresa local, bem como quando efetua uma crítica ao desnível entre a remuneração do trabalho manual e intelectual. Em outras passagens de sua entrevista, porém, afloram as divisões internas da classe, como o elogio ao grande capital, a culpabilização daqueles que se desfazem de suas posses e migram para outros locais e as críticas aos que reclamam da cidade ou a ela retornam sem nada – depois de tentativas fracassadas de migração –, tendo de pedir ajuda para se restabelecer no local.

Tais elementos, por sua vez, têm origem nos valores liberais – dos quais Januário se apropria seletivamente –, que atribuem às pessoas (individualmente) a responsabilidade por seu destino social. Além disso, o narrador cultiva como valor, dentro de sua cultura de classe, o trabalho como único meio legítimo para a conquista de bens materiais, sendo vistos de forma negativa aqueles que pedem auxílio, contando, inclusive, com o apoio de programas de rádio locais.<sup>22</sup>

Constatamos, por meio da narrativa de Januário, que a formação de sua cultura de classe não se opera de maneira isolada na sociedade, mas ligando-se aos projetos hegemônicos para a cidade e compartilha também os valores que o cercam, os quais se assentam nos princípios liberais de sociedade, tão caros aos grupos dominantes locais. Nesse sentido, observamos como as reflexões de Stuart Hall – que afirma não existir uma cultura popular totalmente independente do restante do meio social, sendo ela, portanto, produto de relações historicamente estabelecidas entre o popular e os demais elementos culturais circundantes<sup>23</sup> – servem para pensarmos as relações de Januário com outros grupos e culturas da sociedade em que habita. Se por um lado podemos entender certas posturas do narrador como conservadoras, por outro, é preciso lembrar que os sujeitos históricos se produzem dentro de sua realidade, a partir de seus interesses, e não de acordo com os ideais dos pesquisadores. Essa ligação com os valores dominantes, porém, não impede Januário de observar as contradições sociais, nem de construir diferentes olhares e memórias sobre a cidade, produzidas a partir do lugar social que nela ocupa.

A narrativa de Januário conecta-se à de Marli, na medida em que ambas apresentam uma região em transformação, um meio rural em processo de mudança, de onde os trabalhadores do campo saem para morar na cidade. Revelam, ainda, como esse processo foi complexo, não se resumindo a uma simples “expulsão” do campo para a cidade como movimento unidirecional.

<sup>22</sup> Davi Félix Schreiner discute como, historicamente, se investiu de sentidos positivos o trabalho, sendo tais construções compartilhadas pelos trabalhadores da região. In: SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. Toledo: Ed. Toledo, 1997.

<sup>23</sup> HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do popular*. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003. pp. 247-264.

Marli apresenta uma trajetória no meio rural como trabalhadora que não detinha propriedades, sendo o abandono do campo apontado não como decorrência de uma “expulsão” – atribuída às mudanças nas técnicas de produção –, mas do fim de seu casamento. Em suas narrativas o trabalho no campo – particularmente em aviários – não ganha traços de algo escasso, mas de uma atividade de fácil acesso, a ponto de permitir que seu marido trocasse constantemente de empregador.

Além disso, mudar-se para a zona urbana de Toledo é algo que ocorre em sua vida mais de uma vez, contando, inclusive, com retornos ao campo e mudanças para outras cidades da região. Também é preciso pontuar que sua primeira – e mais duradoura – experiência de vida em área urbana não ocorreu em Toledo, mas em Guaíra, tendo a narradora, posteriormente, retornado àquela cidade.

Januário, por sua vez, apresenta uma trajetória em que rural e urbano são alternados ao longo de toda sua vida. A cidade aparece como uma alternativa para sua sobrevivência após dois anos morando na vila de Luz Marina, quando, retornando do Paraguai, não mais possuía propriedade rural. Sua narrativa também não apresenta esse processo como “expulsão”, mas como uma nova busca de oportunidades no ambiente urbano. Além disso, essa experiência também não se revelou uma ruptura completa com o campo, uma vez que novamente iria trabalhar com agricultura, na condição de trabalhador volante, “boia-fria”, e quando foi ajudar seu filho agricultor, em Alta Floresta, no estado de Mato Grosso.

Ambos os relatos, portanto, evidenciam mudanças do campo para a cidade e do trabalho rural para o urbano que não passam pelas transformações tecnológicas empreendidas na agricultura a partir da década de 1970. Isso revela a complexidade desses processos – e da forma como foram vividos e são lembrados/narrados – de esvaziamento do campo e de crescimento urbano da cidade de Toledo que, a bem da verdade, ocorreram em todo o Brasil.

Com base em tais narrativas, constatamos uma cultura urbana que se constituiu como experiência que não rompe totalmente com o rural, sendo a alternância entre campo e cidade – ou mesmo a manutenção do trabalho rural para quem vivia no ambiente urbano – uma forma encontrada pelos grupos populares para garantir sua sobrevivência. Também observamos como as relações de classe, vividas e constituídas efetivamente por esses sujeitos, se estabeleceram em meio às suas experiências de vida e trabalho. Assim, irrompe em meio aos processos de suas consciências e das percepções das contradições sociais, o reconhecer-se e compartilhar determinados elementos hegemônicos da sociedade local, como a visão de uma cidade rica e desenvolvida graças aos investimentos industriais do grande capital ali localizado.

Por fim, emerge de suas narrativas uma concepção de região diferente daquela instituída e realimentada pelos setores hegemônicos da sociedade, a qual se circunscreve a Toledo e seu entorno, mais precisamente às localidades com que os narradores se

identificam. O recurso ao regional é empregado como forma de construir a noção de direito à cidade, tanto por Marli quanto por Januário, movimento importante em um lugar onde o migrante é visto como uma ameaça às conquistas de qualidade de vida da população já estabelecida. Assim, essas pessoas se afirmam como elementos não externos ao local, mas oriundos da própria região, algumas vezes de distritos e ex distritos de Toledo, reforçando suas lutas pelo direito de viver na área urbana do município, algo deveras importante para sua sobrevivência nesse ambiente.

## REFERÊNCIAS

- CARNASCIALI, Carlos Humberto e outros. Consequências sociais das transformações tecnológicas na agricultura do Paraná. In: MARTINE, George; GARCIA, Rinaldo Coutinho. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987. pp. 125-165.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2000.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d'água, 2000.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Toledo. **Paraná**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412770>>. Acesso em 16 dez. 2013.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, pp. 59-72, 1996.
- RONCAYOLO, Marcel. Região. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). **Enciclopédia Einau-di**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 8 (Região), 1986. pp. 161-189.
- SCHREINER, Davi Felix. **Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná**. Toledo: Ed. Toledo, 1997.
- SILVA, Oscar; BRAGAGNOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.
- SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio Augusto. **O espaço da diferença**. Campinas/SP: Papirus, 2000. pp. 133-175.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979.

YOSHIDA, Iraci da Silva Menezes. (coord.). **Com licença somos distritos de Toledo**: projeto repensando os distritos de Toledo. Prefeitura Municipal de Toledo: Toledo, 1988.